



**POSIÇÕES ENUNCIATIVAS DO SUJEITO POPULAR NO CINEMA: UMA  
ANÁLISE DA SÉRIE *STAR WARS* A PARTIR DA PERSPECTIVA  
ENUNCIATIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR**

**ENUNCIATIVE POSITIONS OF THE POPULAR SUBJECT IN THE CINEMA: AN  
ANALYSIS OF THE *STAR WARS* SERIES FROM THE ENUNCIATIVE  
PERSPECTIVE OF POPULAR EDUCATION**

**Marcos Angelus Miranda de Alcantara<sup>1</sup>**  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

**Raquel Rocha Villar de Alcantara<sup>2</sup>**  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**RESUMO**

Este texto propõe uma análise sobre o modo como o sujeito popular é posicionado discursivamente no cinema. Para isso, detém-se na série cinematográfica *Star Wars* (1977, 1980, 1983, 1999, 2002, 2005, 2015, 2017) e busca escavar regularidades e modos como funcionam os discursos que posicionam o sujeito popular. Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho opera, em geral, com a Análise Arqueológica do Discurso (FOUCAULT, 2008) e, especificamente, com a Teoria Enunciativa da Educação Popular (TEEP) (ALCANTARA, 2017). A hipótese levantada é de que a posição genérico-abstrata, a partir da noção de massas populares, e a sócio-histórica, com base na noção de marginalidade, acionam uma série de correlações discursivas que atravessam a narrativa ficcional em questão, bem como nossa experiência sócio-histórica, e estão presentes nos discursos correlatos à Educação Popular. A análise sugere que *Star Wars* aciona um discurso que transita por domínios que posicionam sujeitos sob o signo da organização das classes populares em torno de algumas lutas: por liberdade, pela democratização da sociedade e pela superação das mais diversas relações de opressão.

**Palavras-chave:** Posições de sujeito. Educação Popular. Análise Arqueológica do Discurso.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, desde 2013. Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela mesma instituição, com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), desde 2011. Compõe a equipe de Assessoria Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, desde 2013. Atualmente cursa o Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação/Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Educação Popular. E-mail: marcosmirandadealcantara@gmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga e mestranda pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: raquelrvda@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

A perspectiva enunciativa da Educação Popular é uma construção teórica inspirada nos estudos arqueológicos foucaultianos, que adentra a dimensão específica da linguagem. Trata-se do desdobramento de uma pedagogia articulada por princípios éticos, políticos e epistemológicos, que visam à educabilidade por meio da luta por igualdade e da superação de contradições que gerem relações de opressão, conforme enuncia Freire (1987). O enunciado da Educação Popular aciona os campos de domínio antropofilosófico, cognitivo-epistêmico e ideopolítico, que tem no signo enunciativo da *educação* seu eixo articulador, genérico-abstrato, sócio-histórico e o organizativo-operativo, que em no signo enunciativo *popular* seu outro eixo (ALCANTARA, 2017).

De maneira geral, este ensaio aponta como o sujeito popular é posicionado enunciativamente na série *Star Wars*, com base no domínio genérico-abstrato e no sócio-histórico, que são acionados pelo signo enunciativo popular. Mais especificamente, o estudo trata do modo como os sujeitos populares são posicionados enunciativamente a partir da noção genérico-abstrata de massas populares e da noção sócio-histórica de marginalidade.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho opera com a Análise Arqueológica do Discurso, a partir das noções de discurso, de enunciado, de sujeito e de campos de domínio. O discurso é definido como uma série de enunciados em um mesmo sistema de formação; o enunciado é uma modalidade particular de existência de um signo; o sujeito é uma posição, ou uma função determinada, uma espécie de lugar vazio, que pode ser assumida por indivíduos; o campo de domínio, ou associado, consiste no campo enunciativo, em um espaço de coexistência de discursos, em que se podem exercer as funções enunciativas (FOUCUALT, 2008).

Para situar o leitor no universo ficcional de “Guerra nas Estrelas”, em primeiro lugar, trazemos uma breve descrição que contextualiza os filmes não só como um fenômeno de bilheterias, mas também comercial, desde a década de 1970 até o presente momento. Em segundo lugar, fizemos uma sinopse para cada uma das trilogias, em que destacamos a narrativa central, os personagens e as situações de pano de fundo. Em seguida, problematizamos *Star Wars* como objeto de estudo da Academia em outras perspectivas, sobretudo a partir da análise dos arquétipos e do mito, como o modelo da



“saga do herói”. Finalmente, trazemos as categorias teóricas da perspectiva enunciativa da Educação Popular e buscamos identificar, no discurso ficcional, a posição de sujeito genérico-abstrata de massas populares e sócio-histórica de marginalidade.

## 2 HÁ MUITO TEMPO, EM UMA GALÁXIA MUITO, MUITO DISTANTE...

A série *Star Wars* é uma franquia norte-americana lançada no cinema em 1977, composta de uma série de oito filmes, diversas animações, livros etc. Do ponto de vista comercial, é um fenômeno lucrativo, não somente nas bilheteria no mundo inteiro, mas também com a venda de jogos, livros, roupas, brinquedos e uma série de artigos licenciados pela detentora dos direitos da franquia<sup>3</sup>. Trata-se de uma obra de ficção, que envolve fantasia, aventura, ação, tecnologia etc. Foi criada na década de 1970 pelo cineasta George Lucas. Sua trama central conta a história da família Skywalker, que tem uma relação mística com uma espécie de entidade transcendental denominada de *força*, responsável pela existência e pela coesão de toda a galáxia onde a trama é desenvolvida.

Há uma antiga religião que transita pelo lado luminoso da *força* e é coordenada por uma ordem denominada de *Jedi*. Essa ordem é subdividida em aprendizes, conselheiros, cavaleiros e mestres, que utilizam *lightsabers*, uma espécie de espadas a laser, em suas batalhas. Há também os dissidentes dessa religião, os antigos Jedi<sup>4</sup>, que foram corrompidos por sentimentos como ganância, medo, ódio etc. e atraídos para o *dark side*, ou em uma livre tradução do termo, o *lado sombrio* da *força*. Trata-se dos *Sith*. No cinema, até então, há três trilologias lançadas, e a família Skywalker situa-se no centro dos conflitos.

Na primeira trilogia, que contém os subtítulos *Uma nova esperança* (1977), *O Império contra-ataca* (1980) e *O Retorno de Jedi* (1983), Darth Vader é o principal Sith, que é apresentado logo ao início da trama, e Luke Skywalker, um padawan, aprendiz, que, ao longo da história, torna-se um Jedi. É um jovem que vive com os tios em um

---

3 Quando foi lançado no cinema em 1977, os direitos do filme *Star Wars* pertenciam ao seu criador, George Lucas, que, logo em seguida, criou a produtora Lucasfilm. Por mais de 30 anos, essa produtora pertenceu a Lucas, até que, na última década, os Estúdios Disney compraram a Lucasfilm e passaram a ser os detentores dos direitos de tudo o que for produzido com a marca *Star Wars*.

4 Por se tratar de palavras criadas no universo *Star Wars*, que, originalmente, utilizam a língua inglesa, Jedi, Sith, dentre outras, não têm variação entre singular e plural, como também não apresentam variações de gênero.



planeta remoto, nos confins da galáxia, que sonha em ser um piloto. Logo depois do assassinato de seus tios, ele tem a oportunidade de acompanhar um velho Jedi, Obi-Wan Kenobi, em uma jornada pela Galáxia. Junta-se à Princesa Leia Organa, líder dos apoiadores do que um dia foi a República, numa disputa militar contra o poderoso Império defendido por Vader. Ao longo da trama, Skywalker enfrenta Darth Vader algumas vezes. Este, um vilão poderoso, utiliza muito bem o lado sombrio da força e seu *lightsaber* em favor do Império. Em determinado momento da trilogia, o vilão revela-se pai de Luke e, depois, de Leia. Ele tenta, sem êxito, atraí-lo para o lado sombrio da força. No final dessa primeira trilogia, antes de morrer, Vader tem sua redenção, ao salvar seu filho do Imperador Papatine. Em concomitância, a Aliança Rebelde, liderada por Leia e Luke, vence o Império e restaura novamente a República na Galáxia.

Quase duas décadas depois, a segunda trilogia foi lançada nos cinemas. Seus subtítulos são: A ameaça fantasma (1999), O ataque dos clones (2002) e A vingança dos Sith (2005). A história retrocede no tempo, por volta de três décadas, em relação à trilogia anterior. Dessa vez, traz Anakin Skywalker, um menino que vive como escravo, com sua mãe, em um também planeta periférico da Galáxia. Ainda é um tempo áureo para a República, integrada ao Conselho Jedi, que envia membros por toda a Galáxia para missões diplomáticas. Em uma dessas viagens, o jovem Jedi Kenob conhece o menino Anakin. Logo percebe que a criança é muito inteligente, um exímio piloto e hábil com as tecnologias. Embora a força esteja presente em todos os seres vivos da Galáxia, o Jedi Kenob percebe que Anakin tem uma relação com ela muito acima da média. Apegado a uma antiga profecia de que um escolhido pela força traria equilíbrio para toda a Galáxia, Kenobi pede permissão ao Conselho para treinar Anakin, com o argumento de que ele poderia ser o escolhido. O tempo passa, Anakin forma-se um Jedi e apaixonou-se por Padmé Amidala. Casam-se em segredo, e Anakin passa a vivenciar conflitos existenciais que não caberiam a um Jedi. Nesse período, a República já estava ameaçada por uma manobra política no Senado, orquestrada por um grupo que busca tomar o poder por meios não republicanos. Anakin é seduzido por esse grupo, liderado pelo senador Palpatine, que sabe utilizar a impulsividade e os medos do jovem. Padmé morre de parto, mas dá à luz os dois filhos de Anakin, que ele conheceria somente duas



décadas depois: Leia e Luke. Quando a República perde estabilidade política, o Império vai se estabelecendo, e Anakin é jogado contra Kenobi, seu antigo mestre, que se impõe um exílio, e Anakin torna-se Dath Vader no final da trilogia.

Em 2015, foi lançada uma nova trilogia que ainda não foi concluída. Há dois filmes lançados, por enquanto, com os seguintes subtítulos: O despertar da Força (2015) e Os Últimos Jedi (2017). Dessa vez, ao invés de retroceder no tempo, a narrativa avança mais de trinta anos, depois dos últimos acontecimentos narrados em O Retorno de Jedi (1983). As forças que comandavam o Império foram reorganizadas e estabeleceram o que agora passou a ser chamado de Primeira Ordem. A República novamente foi derrubada e foi reduzida a um pequeno número de rebeldes. Por motivos ainda desconhecidos, Luke está desaparecido, e os rebeldes, ainda liderados pela agora General Leia, procuram-no para reintegrar a resistência contra a Primeira Ordem. Mais uma vez, o poder místico da força entra em cena: é quando, em um planeta remoto, Jakku, um desertor da Primeira Ordem, e um soldado da Resistência encontram Rey, uma jovem catadora de lixo. Logo ela é revelada como alguém que manipula muito bem a força e ingressa na jornada em busca de Luke Skywalker. No lugar de Vader, quem lidera as antigas forças imperais é Kylo Ren, não por acaso, filho da General Leia e ex-discípulo de Luke, que foi cooptado pelo lado sombrio da força. Ao encontrar o agora velho Luke, vivendo um autoexílio numa ilha distante, Rey tenta convencê-lo da necessidade de treiná-la e juntar-se à Resistência para lutar contra seu sobrinho. O mestre Skywalker, que não vê mais nenhum sentido na Ordem Jedi, inicialmente, recusa-se a treinar a jovem e, ainda a contragosto, passa alguns ensinamentos, mas se recusa a enfrentar a poderosa Primeira Ordem com uma espada a laser, em suas palavras. Enquanto isso, Ren persegue violentamente e dizima os rebeldes, que buscam refúgio em uma base militar abandonada. Quando tudo parece se encaminhar para um trágico desfecho, Luke aparece para enfrentar seu sobrinho e todo o seu exército. Com um absoluto domínio da *força* e do *lightsaber*, o mestre Luke segura todo o exército da Primeira Ordem, permite que os rebeldes empreendam fuga e tem mais uma oportunidade de reestabelecer a paz e a liberdade em toda a Galáxia.



### **3 UMA FICÇÃO NEM TÃO DISTANTE ASSIM: O MITO, A SAGA DO HERÓI E OS SUJEITOS POPULARES POSICIONADOS NA ORDEM DO DISCURSO FICCIONAL**

Ao longo de quatro décadas, *Star Wars* atraiu a atenção não só do público de cinema, mas também do campo acadêmico, que se debruçou sobre essa obra de George Lucas. A série já foi estudada em diversos aspectos, a partir de alguns campos, como a Antropologia, a Sociologia e as Ciências Políticas. Anaz e Ceretta (2016), por exemplo, chamam à atenção para alguns trabalhos fundamentados nos estudos de Gilbert Durand sobre o imaginário e o mito. Eles analisam como a série ‘Guerra nas Estrelas’ colabora para a remitologização na sociedade contemporânea, a partir do momento em que retoma mitos e arquétipos fundadores, com o intuito de construir a própria mitologia e de reconciliar elementos científico-tecnológicos com os elementos do fantástico e do mágico. Em outras palavras, esses estudos apontam *Star Wars* como um forte exemplo dessa “[...] diluição da dicotomia entre ciência e magia [...]” (ANAZ; CERETTA, 2016, p. 131). Isso se evidencia na clássica jornada do herói (monomito), centrada na figura de Luke Skywalker.

Depois de um longo período em que a história iconoclasta, no auge do positivismo, excluiu as imagens e os mitos pelo racionalismo científico, o pensamento não podia ser acompanhado por imagens, e o Romantismo e o Simbolismo, já no Século XIX, consolida um processo de remitologização na produção cultural e populariza os mitos fundadores. Nesse sentido, “[...] o processo de remitologização se contrapõe ao paradoxo das mitologias desmitologizantes, como o positivismo” (ANAZ; CERETTA, 2016, p. 131). Com a explosão audiovisual e imaginária, no Século XX, essa visão iconoclasta e desmitologizante sofre um processo cultural de elisão. A disseminação dos meios cinematográficos e televisivos acaba colaborando para o processo de expansão do imaginário.

Inspirado nos estudos do antropólogo Joseph Campbell sobre as narrativas heroicas nas diversas culturas e na influência de Akira Kurosawa, a série Guerra nas Estrelas, criada pelo cineasta George Lucas, traz novamente à tona toda uma narrativa da jornada do herói, do bem que vence o mal, da luz que dissipa as trevas. Em outras palavras, uma produção inspirada nos antigos filmes de faroeste, todavia passada em



tempos desconhecidos, numa Galáxia muito distante, no espaço, “[...] fértil em elementos simbólicos associados à ciência, à alta tecnologia e à magia” (ANAZ; CERETTA, 2016, p. 132). *Star Wars* é um jogo de correlações entre o discurso ficcional, o científico e o fantástico, que, a um só tempo, evidencia uma visão de mundo cética, empírica e mística e confere status à tecnologia.

Em vez das figuras clássicas da Antiguidade, que trazem os mitos e os arquétipos nos moldes e na estética helenística, Lucas nos traz esses mesmos elementos por meio de naves como a *Millenium Falcon*, as *X-Wings*, os *Destroiers*, de armas como os *lightsabers*, dos robôs R2D2, C3PO, BB8 ou da imagem de seus heróis e vilões, a luz e a escuridão, como elementos simbólicos e que têm matrizes arquetípicas predominantes na saga. “A formação dos arquétipos se dá no que Durand chama de ‘trajeto antropológico’, que une o biológico (reflexos dominantes, estruturas e esquemas psicológicos) ao cultural (criação de elementos simbólicos)” (ANAZ; CERETTA, 2016, p. 133).

Segundo Anaz e Ceretta (2016), na mitologia de *Star Wars*, os arquétipos dominantes são as estruturas heroicas do imaginário ou o regime diurno de imagens predominante na ciência tecnológica, na iluminista e na positivista. Nessa ordem, ciência, tecnologia e magia se fundem e se confundem. Assim,

[...] o mapeamento dos elementos simbólicos nas trajetórias desses personagens tem como referência a metodologia da mitocrítica [...]. Desenvolve-se [...] uma busca pelos mais redundantes temas, motivos e elementos simbólicos que remetem à ciência, tecnologia e magia nas trajetórias [dos protagonistas] [...] (ANAZ; CERETTA, 2016, p. 137).

Assim, mantém um equilíbrio e um reequilíbrio entre o que é científico e o que é místico. Um exemplo dessa fusão entre o tecnológico e o mítico está na relação entre o Jedi, a força e o *lightsaber* (ciência, magia e tecnologia). Todavia, não nos interessa aqui a narrativa centrada nos *Skaywalkers* ou seus atos heroicos, a dualidade entre bem e mal, muito menos o uso místico de tal *força*. Esses são os elementos arquetípicos inspirados nos estudos antropológicos de Campbell, que mais nos distanciam de uma ordem discursiva correlata ao enunciado da Educação Popular do que nos aproximam. Em outras palavras, não é a narrativa central nem o que está por trás dela que é objeto



de nosso interesse. As posições de sujeitos populares estão postas como todo enunciado, estabelecem regularidades, transitam por campos de domínios e acionam correlatos ao posicionar sujeitos em uma ordem discursiva também correlata à Educação Popular. Nessa perspectiva arqueológica de análise do discurso, a Teoria Enunciativa da Educação Popular nos possibilita operar uma análise sobre as correlações entre os signos enunciativos da República, do Império, da Aliança Rebelde, da Primeira Ordem e da Resistência.

#### **4 A TEORIA ENUNCIATIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR E OS SUJEITOS GENÉRICO-ABSTRATOS E SÓCIO-HISTÓRICOS: AS MASSAS POPULARES E OS MARGINAIS**

A noção genérico-abstrata de *massas* populares é uma posição de sujeito que aparece em *Star Wars* marcada, de um lado, pelo signo enunciativo da rebeldia ao poder imperial e, de outro, na luta pelo estabelecimento da liberdade na Galáxia. Ao analisar o aparecimento dessa mesma noção de *massas*, no enunciado da Educação Popular, Alcantara (2017) recorre ao Manifesto da Aliança Nacional Libertadora. Nesse documento, está posto que “[...] as grandes massas [...] serão capazes de, através de um governo popular revolucionário, acabar [...] com a desigualdade monstruosa que a dominação dos [...] imperialistas impôs [...]” (PRESTES, 1935, p. 04). Nessa ordem discursiva, às massas populares cabe romper com o Império e restaurar uma República democrática que estabeleça a liberdade.

O tema da opressão também marca as massas populares nessa posição genérico-abstrata do sujeito. É dessa maneira que emergem ideias como *massas oprimidas*, em um jogo de correlações que conta com uma realidade opressora, baseada na contradição entre opressores e oprimidos. Na saga criada por Lucas, essa contradição aparece entre os apoiadores do que um dia foi a República e aqueles que se beneficiam com o poder imperial que foi estabelecido, com a exploração dos pobres, a venda de armas para alimentar a guerra, o tráfico de escravos etc. Freire (1987, p.41) assinala que “[...] o opressor sabe muito bem que essa ‘inserção crítica’ das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada a êle pode interessar”. Essa *falta de interesse* do opressor pela problematização das situações existenciais é um modo de exercer a opressão. Esse



*opressor* também aparece posicionado como *elite*, ou seja, como uma forma de antítese às massas oprimidas. Essa contradição tende a se acentuar na medida em que as massas problematizam a realidade opressora e a existência da elite como seu correlato contrário. Nessa linha de entendimento, “[...] no momento em que a liderança [das massas oprimidas] emerge como tal, necessariamente se constitui como contradição das elites dominadoras” (FREIRE, 1987, p. 191).

A relação entre liderança revolucionária e massas oprimidas aparece como uma possibilidade de transformar as relações de opressão, desde que essa não seja uma relação polarizada, dicotômica ou verticalizada. Em outras palavras, liderança e massas necessitam menos de uma relação burocratizada e mais de uma relação que lhes possibilite estar em comunhão e constante diálogo. Na obra de ficção analisada, a figura da liderança está presente o tempo inteiro, seja por meio de personagens como Luke e Leia, na própria Aliança Rebelde, ou, mais tarde, na Resistência. Esses sujeitos lideram as massas populares – prisioneiros fugitivos, desertores das tropas imperiais, ladrões, contrabandistas, órfãos – numa guerra civil contra o Império. Essa liderança exercida com as massas não é feita pelos poderes místicos da *força*, mas pela relação dialógica estabelecida entre a liderança e as massas rebeldes. O objeto dessa relação dialógica é a opressão exercida pelo ilegítimo poder imperial.

Por essas razões é que “[...] não se pode realizar, na práxis revolucionária, [...] a divisão absurda entre a práxis da liderança e a das massas oprimidas, de forma que a deles fosse a de apenas seguir as determinações da liderança” (FREIRE, 1987, p. 147). A dialogicidade não se reduz a uma retórica demagógica e populista. Os fugitivos, os desertores, os órfãos, dentre outros, sempre participam ativamente das ações de desconstrução da realidade opressora, para roubar os planos de construção da Estrela da Morte ou recrutar pessoas para integrarem as tropas rebeldes nos mais remotos confins da Galáxia. Isso requer uma práxis na execução de determinadas tarefas impostas pela liderança.

Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Ela é revolução por isto. Distingue-se do golpe militar por isto. Dos golpes, seria uma ingenuidade esperar que estabelecessem diálogo com as massas oprimidas. Dêles, o que se pode esperar é o engôdo para legitimar-se,



ou na força que reprime. [...] O diálogo com as massas não é concessão, nem presente, nem muito menos uma tática a ser usada, como a sloganização o é, para dominar. O diálogo, como encontro dos homens para a 'pronuncia' do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização (FREIRE, 1987, p. 160-149).

Como esse discurso sobre a relação entre liderança e massas tem no diálogo um correlato fundamental ao posicionamento do sujeito popular, apresenta algumas características. A primeira delas é o diálogo como uma exigência necessária ao estabelecimento de uma relação ética. Sem a relação dialógica, não é possível transformar as relações de opressão em igualitárias. A segunda é que o diálogo não é uma estratégia ou uma tática política de dominação, mas uma relação fundante e que fundamenta a práxis humana.

Ressalte-se, entretanto, que as massas também apresentam correlatos caracterizados por certa atividade e se recusam a manter uma posição passiva, de aceitação, de conformismo ou de letargia. Necessariamente e em determinadas situações e condições, “[...] as massas se rebelam, rompem [...] buscam concretizar na prática um poder popular alternativo, num processo de transformações violentas” (WANDERLEY, 1980, p. 69). Esse correlato de rebelião não prescinde de outro que é organizativo e trata do discurso da articulação entre as massas e a liderança revolucionária, tão presentes na série *Star Wars* e que Freire (1987, p. 210) aciona em suas reflexões para dizer que “a organização das massas populares em classe é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida quanto êste, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da *pronuncia* do mundo, aprendizado verdadeiro, por isto, dialógico”.

Embora o signo enunciativo da marginalidade pareça, inicialmente, uma noção genérica, igual à de massas populares, ele está permeado de correlatos sócio-históricos, articuladores dessa posição, como pobreza, exclusão e dominação. Estar à margem implica uma posição periférica, descentralizada, alternativa, deixada de lado, ignorada, convenientemente esquecida, abandonada. Essa noção aparece no domínio sociológico marxiano a partir de um arcabouço teórico que explicita as sociedades capitalistas por meio da divisão antagônica entre classes sociais. Essa divisão é determinada pela relação que esses grupos estabelecem com os meios de produção. A “[...] marginalidade



é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Isto porque o grupo [...] dominante, se apropriando dos resultados da produção social tendendo, em consequência, a relegar os demais à condição de marginalizados” (SAVIANI, 1999, p. 16), vale-se dessa estrutura para se manter beneficiário desse esquema.

Tanto na sociedade capitalista, quanto no universo ficcional de *Star Wars*, os “[...] marginalizados são os grupos ou classes dominadas. Marginalizados socialmente porque não têm força material (capital econômico) e [...] culturalmente, porque não têm força simbólica (capital cultural)” (SAVIANI, 1999, p. 32). Do ponto de vista dos discursos economicamente liberais e conservadores, mediante o *status quo* capitalista, a sociedade de mercado é enunciada como um bloco harmônico e homogêneo. E esse antagonismo apregoado pelos marxistas não existe entre as classes sociais.

Na ordem discursiva religiosa, a noção de marginalidade oscila entre uma maneira de posicionar o sujeito popular e uma forma de isentar determinada estrutura social. Assim, emerge a tese da marginalidade como escolha individual ou como expressão das injustiças sociais. Em *Star Wars*, aparecem essas duas formas de se posicionar sobre a noção de marginalidade: o Jedi exilado, Obe Wan, em *Uma Nova Esperança*, e Luke, em *Os últimos Jedi*, além da marginalidade como expressão das injustiças, em *O despertar da força*: Finn, o stormtrooper desertor; Rey, a catadora de lixo abandonada pelos pais em Jakku.

Cabe ressaltar que é justamente a primeira forma de marginalidade, a autoimposta, que está vinculada a um domínio da religiosidade, como é o caso do autoexílio dos Jedi no discurso ficcional. Essa autoimposição também tem materialidade na ordem discursiva religiosa cristã. Essa imposição da marginalidade ganha *status* nos evangelhos, mas circula em documentos outros de função eclesial. Primeiro, como resultado de uma estrutura social: “[...] Jesus, na narrativa dos evangelistas, não nasce numa ‘casa’, mas durante uma viagem, num estábulo no meio dos animais. Seu nascimento é testemunhado por pessoas [igualmente] marginalizadas: os pastores e os magos itinerantes do Oriente” (HOORNAERT, 1986, p. 44).

Então, a posição que esse discurso demarca tanto para os cristãos quanto para sua figura central é mediante a noção sócio-histórica de marginalidade, visto que é periférica e alternativa. É um nascimento fora dos padrões convencionais: em uma



viagem, junto de animais, em um leito improvisado etc. A tradição diz que sua mãe o deita em um berço de palha. Obedecendo a essa regularidade marginal, há, igualmente, o elemento da exclusão e da pobreza, porquanto não se trata de qualquer alternativa, mas de um estábulo, lugar onde se criam animais, sem nenhuma condição sanitária para uma mulher dar à luz. Além do mais, as testemunhas do nascimento e os visitantes são pessoas sem reconhecimento social, apenas pastores e magos. Nesse caso, temos um discurso em que a figura central do Cristianismo é posicionada enunciativamente em uma narrativa que marca não só seu nascimento, mas também várias passagens de sua vida pelo signo da marginalidade, ora como dispositivo estrutural, ora como uma deliberação pessoal, nos moldes seguidos pelo autoexílio Jedi.

Essa correlação entre a figura central do Cristianismo e a noção de marginalidade aparece no discurso historiográfico e teológico, que toma a cristandade dos primeiros séculos como objeto de estudo. Sobretudo esses elementos de autoimposição caracterizam os Jedi, no caso do discurso ficcional. Eles não se casam. Luke recusa a proposta de Vader para ir para o lado sombrio da força. Na prática, isso seria abandonar os rebeldes e se integrar ao Império. Rey também recusa trair a Resistência para se juntar a Kylo Ren. Em suma, os personagens mencionados são posicionados discursivamente como aqueles que deliberadamente vivem na marginalidade, ou nos moldes cristãos, vencem as três tentações que enfrentam no deserto que atravessam.

Com o discurso historiográfico, cujo objeto é a cristandade, é possível dizer que “[...] os primeiros cristãos usam símbolos de marginalidade [...] uma espécie de ‘estandardização’ dos símbolos que exprimem marginalidade e esperança por parte de grupos socialmente dominados [...]” (HOORNAERT, 1986, p. 44). No discurso acionado no célebre *Sermão da Montanha*, identificamos como regularidade central o posicionamento de sujeitos marginalizados (os pobres de espírito, os que choram, as vítimas da injustiça, os perseguidos por amor à causa da justiça e os caluniados), permeado de séries de signos que demarcam a noção do marginalizado, que, por sua vez, posiciona o sujeito popular nesse domínio. Tanto no campo de domínio sócio-histórico, como um todo, quanto no discurso historiográfico, que toma a religiosidade cristã, ou no discurso ficcional, que nos apresenta a ordem Jedi, são “[...] esses



elementos de marginalidade que emocionam [que empolgam, que mobilizam] [...] e estão na base da aceitação popular [...]” da posição de marginal (HOORNAERT, 1986, p. 44).

Seguindo essa regularidade que posiciona o sujeito popular presente em *Star Wars*, em um domínio sócio-histórico, sob o signo da marginalidade, o discurso historiográfico se movimenta. Em meio a uma relativa diversidade, ele enuncia os personagens de modo análogo aos cristãos dos primeiros séculos como “[...] trabalhadores, pobres eremitas, soldados [...] mulheres que se refugiaram no deserto [...] um traço comum que une a vida desses santos, homens ou mulheres, ricos ou pobres, cultos ou incultos: a vivência da marginalidade [...]” (HOORNAERT, 1986, p. 78).

A marginalidade religiosa, evidenciada não somente nos sermões bíblicos, mas também na narrativa da natividade, da infância pobre (ver as fugas para escapar da tirania de Herodes, o Grande), de vida pública do mestre e da morte, é, igualmente, uma estratégia enunciativa para posicionar um discurso que serve como dispositivo de construção da narrativa cinematográfica analisada. Esse discurso interpela os sujeitos dispostos a assumirem ao lado da Aliança Rebelde como posição, no caso de *Star Wars*. Conseqüentemente, os rebeldes incorporam esses elementos de marginalidade em sua vida (uma deliberação pessoal), por reconhecerem a marginalidade a que são submetidos pelo modelo social vigente, de dominação imperial (dispositivo estrutural). Assim, identificamos esses elementos religiosos, como o modelo de sociabilidade não marginalizante presente nos defensores do que um dia foi a República no universo *Star Wars*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio evidenciou como determinadas séries de signos constitutivos do enunciado da Educação Popular podem aparecer no cinema, mais especificamente, como o discurso ficcional pode operar com esses signos enunciativos. Por meio da sistematização de alguns aspectos relativos à perspectiva enunciativa da Educação Popular, ou seja, das noções de massas populares e de marginalizados, deslocamos a



análise de *Star Wars* das perspectivas do mito e da jornada do herói para as posições de sujeito populares.

Ao invés de centrar este trabalho na trama central, nos personagens, na estética futurista da década de 1970, nos elementos mitologizantes relacionados ao uso da *força*, ou na dualidade entre o bem e o mal, presente no antagonismo entre os Jedi e os Sith, procuramos visualizar a série de George Lucas a partir da Teoria Enunciativa da Educação Popular. Essa perspectiva, fundamentada na Análise Arqueológica do Discurso, não nos possibilitou acessar somente *Star Wars* como um discurso ficcional, mas também seus elementos constitutivos, correlatos aos campos de domínio genérico-abstrato e sócio-histórico do enunciado da Educação Popular.

Nessa perspectiva, os elementos que ganharam visibilidade foram: a luta popular contra a tirania imperial; o enfrentamento à negação da cidadania em sociedade sem leis; e a organização das massas populares a partir do critério da marginalidade, como exilados, órfãos, contrabandistas, soldados imperiais desertores, escravos, fugitivos e catadores de lixo. Na análise, identificamos um grupo de rebeldes que transitam no terreno da marginalidade, mas que, ao mesmo tempo, visam reestabelecer uma institucionalidade que proporcione a liberdade, a construção da cidadania, o direito à vida e a justiça. Em outras palavras, uma luta permanente das massas populares, indiscutivelmente marginalizadas, que objetiva criar condições para que ninguém precise mais viver na marginalidade.

Submeter o discurso ficcional cinematográfico à Teoria Enunciativa da Educação Popular abre um campo de possibilidades investigativas sobre o modo como o enunciado da Educação Popular circula com suas regras de funcionamento, de seus signos enunciativos e de suas posições de sujeitos. Trata-se de uma possibilidade analítica que transita pela tríade do discurso ficcional cinematográfico, pela Educação Popular e pela Análise Arqueológica do Discurso. O primeiro como fonte de pesquisa, o segundo, como teoria, e o terceiro, como abordagem teórico-metodológica. Quanto aos objetos de estudo, estão situados invariavelmente no campo enunciativo.

## ABSTRACT

This essay proposes an analysis of how the popular subject is positioned discursively in the cinema. In order to do so, it focuses on the cinematographic series Star Wars (1977, 1980, 1983, 1999, 2002, 2005, 2015, 2017) and seeks to excavate regularities and modes of how the discourses that position the popular subject work. From the theoretical-methodological point of view, the work usually operates with the Archaeological Discourse Analysis (FOUCAULT, 2008) and, specifically, with the Enunciative Theory of Popular Education (TEEP) (ALCANTARA, 2017). The hypothesis raised is that the generic-abstract position, starting with the notion of popular masses, and socio-historical, based on the notion of marginality, trigger a series of discursive correlations that cross the fictional narrative in question, as well as our socio-historical experience, and are present in the discourses related to Popular Education. The analysis suggests that Star Wars triggers a discourse that moves through domains that position the subjects under the sign of the organization of the popular classes around some struggles: for freedom, for the democratization of society and for the overcoming of the most diverse relations of oppression.

**Keywords:** Subject positions. Popular Education. Archaeological Discourse Analysis.

## REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Marcos Angelus Miranda de. *Elementos para uma teoria enunciativa da educação popular*. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. 2017.
- ANAZ, S. A. L.; CERETTA, F. M. *Remitologização contemporânea: a (re) conciliação da ciência e da magia em “Guerra nas Estrelas”*. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 31, p. 130-143, abr. 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Beata Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987 (Digitalizado).
- HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto da Aliança Nacional Libertadora de 1935. In: *Partido Comunista do Brasil PC do B*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/prestes/1935/07/05.htm>>. Acesso em: 03 set. 2017.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia: teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 32. ed. Autores Associados. Campinas/SP, 1999.
- STAR WARS: *Episode IV - a new hope*. Direção e produção de George Lucas. 20Th Century Fox, 1977. Disponível em: <[netflix.com.br](http://netflix.com.br)>. Acesso em: 03 de jun de 2018.



\_\_\_\_\_: *Episode I - The Phantom Menace*. Direção de George Lucas. Produção de Rick McCallum. 20Th Century Fox, 1999. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 03 de jun de 2018.

\_\_\_\_\_: *Episode II - Attack of the Clones*. Direção de George Lucas. Produção de Rick McCallum. 20Th Century Fox, 2002. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 03 de jun de 2018.

\_\_\_\_\_: *Episode III – Revenge of the Sith*. Direção de George Lucas. Produção de Rick McCallum. 20Th Century Fox, 2005. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 03 de jun de 2018.

\_\_\_\_\_: *Episode V - Return of the Jedi*. Direção de Richard Marquand. Produção de Howard Kazanjian. 20Th Century Fox, 1983. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 03 de jun de 2018.

\_\_\_\_\_: *Episode VI -the empire strikes back*. Direção de Irvin Kershner. Produção de Gary Kurtz. 20Th Century Fox, 1980. Disponível em: <netflix.com.br>. Acesso em: 03 de jun de 2018.

\_\_\_\_\_: *Episode VII - The force awakens*. Direção de J. J. Abrams. Produção de Kathleen Kennedy; J. J. Abrams; Bryan Burk. Walt Disney Studios Motion Pictures. 2015. Blu Ray.

\_\_\_\_\_: *Episode VIII -The last Jedi*. Direção de Rian Johnson. Produção de Kathleen Kennedy; Ram Bergman. Bryan Burk. Walt Disney Studios Motion Pictures. 2017. Blu Ray.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. Educação popular e processo de democratização. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). *A questão política da educação popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.